

1

Abolicionistas Negros, a Escola Americana de Etnologia e a consolidação no racismo científico nos EUA pré-Guerra Civil.*Luciana da Cruz Brito¹*

Após a Revolução Americana, as críticas à escravidão se intensificaram nos Estados Unidos ao mesmo tempo em que o movimento abolicionista norte-americano também exigia a extensão da cidadania aos libertos que viviam no norte. Diante desse cenário, a reação conservadora contou com o apoio de uma produção dita científica no sentido de fornecer justificativas para o cativo e políticas de segregação racial. Essas teses afirmavam os lugares distintos que negros e brancos ocupavam natureza e que deveriam portanto ocupar na sociedade. (STANTON, 1960:2-14; MACHADO, 2013:11-15; DEWBURY, 2001: 121-124; DIALLO, 2006: 99).²

O poligenismo nos Estados Unidos, estruturado em torno da Escola Americana de Etnologia, apresentava um argumento que resolveria o dilema dos defensores da escravidão dispostos a abraçar as teses que contrariavam as escrituras sagradas: para os poligenistas, existiram várias “criações” que deram origem a diferentes espécies. Adão e Eva haviam gerado somente a raça caucasiana e os indivíduos das demais raças faziam parte de outras espécies. Sob esta ótica, não havia pecado na escravidão ou nas políticas de desigualdade racial: estes sistemas de controle obedeciam à tese de que os africanos e seus descendentes pertenciam a uma raça inferior que deveria ser tutelada, controlada ou escravizada pela raça mais evoluída (branca). Validadas pelo discurso dito científico, a legitimidade da escravidão tinha grande peso nos rumos da sociedade. As teses elaboradas pelos então reconhecidos cientistas Samuel Morton, Josiah C. Nott, Samuel Gliddon e finalmente Louis Agassiz

¹ Doutoranda em História Social pela Universidade de São Paulo. Bolsista CNPQ.

² O alemão anatomista Johann Friederich Blumenbach em 1779 dividiu a humanidade nas seguintes raças: caucasianos, mongóis, malaios, etíopes e americanos que mesmo que diferissem profundamente um dos outros tinham uma origem comum. As supostas variações de uma raça para outra eram consequência de fatores externos, como o clima. Partindo do princípio que o estado original da espécie humana era a raça branca, Blumenbach usava como exemplo as imagens gregas como padrão de perfeição humana. Veremos adiante que este cientista teve forte influência nas pesquisas de Samuel Morton. Outro europeu cujos trabalhos tiveram forte influência na Escola Americana foi francês Georges Cuvier, que acreditava que as espécies animais eram fixas e que não mudavam suas características ou composições orgânicas. Cuvier também defendia que os egípcios eram brancos, tese que foi de grande importância para a o entendimento dos africanos desde a antiguidade como raça bárbara e incivilizada. O pensamento de Cuvier teve forte influência no racismo científico norte-americano, sobretudo através do pensamento de Louis Agassiz, que foi seu discípulo.

2

promoveram a estruturação que faltava ao pensamento em defesa das desigualdades raciais nos Estados Unidos.

Samuel George Morton, líder e fundador da Escola Americana de Etnologia, publicou em 1839 a obra *Crania Americana*, em que ele induzia a diversidade das espécies a partir da análise do tamanho de crânios. Morton entendia que os caucasianos eram seres do mais alto grau de elevação intelectual, o que era revelado pela densidade do crânio desse grupo. Os negros, referidos como “raça etíope”, possuíam um crânio mais leve refletindo suas capacidades intelectuais supostamente rudimentares. A obra seguinte de Morton, *Crania Aegyptiaca* (1844), foi o resultado de uma investigação feita a partir de crânios egípcios fornecidos pelo egiptólogo inglês George R. Gliddon.

Nessa obra, Morton afirmava que a escravidão existia na sociedade egípcia e que os egípcios não eram negros (STANTON, 1960:45-53). Da mesma forma que no século XIX, afirmava ele, os negros da antiguidade ocupavam uma posição subalterna e suas características físicas haviam sido mantidas até aquele momento sem que influências climáticas ou condições sócio-políticas que o cientista considerava “mais favoráveis” do que na antiguidade houvessem “melhorado” a condição natural da raça negra. Foi ideia de Gliddon convencer Morton da importância de promover *Crania Aegyptiaca* entre os círculos intelectuais escravistas do sul dos Estados Unidos. A obra poderia divulgar e atrair adeptos para o pensamento poligenista, o que comungava com os interesses escravistas daquela região. Com sucesso, a obra de Morton atraiu a atenção de políticos sulistas influentes como o secretário de Estado John C. Calhoun e de outros estudiosos da humanidade obstinados em justificar a escravidão através da ideia de inferioridade das raças africanas. Exemplo disso é o médico do Alabama Josiah C. Nott, que se tornaria um dos grandes defensores do poligenismo (STANTON, 1960:61-64; FREDRICKSON, 1971: 74-77).

De acordo com George Fredrickson, o pensamento de Josiah Nott pode ser melhor enquadrado na história das idéias e propaganda escravista do que na história da ciência. Como fervoroso crítico dos abolicionistas, Nott afirmava que os caucasianos em todas as eras históricas haviam sido líderes e conquistadores enquanto aos negros, seres que ele acreditava pertencer a outra raça, sempre couberam papéis subalternos. Nott se dedicou não só a afirmar a supremacia branca sobre todas as outras raças, como também a apontar os riscos da

3

amalgamação (LEMIRE, 2002:4).³ Defendendo que negros e brancos eram seres de espécies distintas, ele afirmava que a mistura racial, além de ser em si uma aberração, produzia um ser inferior e de curta longevidade. Além disso, para Nott, a hibridização era perigosa e fatal porque causaria a decadência dos brancos americanos (FREDRICKSON, 1971: 78-80; STANTON, 1960: 65-72).

Josiah Nott seguiria com sua cruzada anti-negra e em defesa da escravidão fazendo uso das teses poligenistas por todo o resto das décadas de 1840 e 1850. Condenando a mistura racial e culpando a miscigenação e o clima tropical pela degeneração da América Latina, Nott dizia que a miscigenação havia feito os portugueses sobreviverem na África e nos países latino americanos, já que estes não eram seu habitat natural. Ele argumentava que, assim como na América Latina, em New Orleans e em Mobile (Alabama) também era possível ver o resultado da mistura racial nos assentamentos de brancos de “classe baixa” que se misturaram com negros. Enquanto os brancos se degeneravam, a amalgamação gerava o mulato, o qual seria mais inteligente que o negro “puro” e, portanto, mais perigoso ao sistema escravista. O mestiço, herdando parte das características e personalidade do ancestral branco, não se conformava com o cativo e em geral liderava insurreições.⁴

Louis Agassiz seria o próximo a ocupar lugar de destaque na Escola Americana de Etnologia, tornado-se um dos líderes do pensamento poligenista norte-americano. Suíço de nascimento, ele chegou aos Estados Unidos em 1846 quando já havia no país um intenso debate sobre escravidão, abolição e igualdade e, concomitantemente, fortes sentimentos de ódio racial, tanto no Norte como nas cidades escravistas do Sul. A princípio, Agassiz concordava com as profundas diferenças entre negros e brancos, mas ainda considerava que elas era provocadas por variações dentro de uma mesma espécie. Contudo, ao ver pela primeira vez um afro-americano na Filadélfia, o cientista reagiu à diversidade manifestando um imediato sentimento de repulsa que o fez acreditar que negros e brancos não faziam parte da mesma espécie humana (MACHADO: 2010). Em Charleston, na Carolina do Sul, a classe senhorial e boa parte da comunidade acadêmica ouvia com simpatia quando ele afirmava, por exemplo, que os negros se adaptavam melhor (quer dizer, trabalhavam melhor) em climas

³ Amalgamação foi um termo emprestado da metalurgia, que originalmente se referia à mistura de diferentes metais. Nos Estados Unidos do século XIX, amalgamação significava a mistura de raças que supostamente tinham “sangue distinto” ou que pertenciam a raças distintas, qual seja branca e negra.

⁴ Josiah C. Nott. “Unity of Human Race”. *The Southern Quarterly review*, janeiro de 1846. pp.1

4

tropicais do que em temperados. Esse pensamento comungava com as afirmações de senhores de escravos que diziam que os negros escravizados do Sul viviam melhor do os libertos do Norte, porque os últimos viviam livres e em estado de degradação causada pela falta de controle (DIALLO, 2006: 102-112).

Agassiz, assim como os demais membros da Escola Americana de Etnologia, explicava a criação das espécies humanas a partir da existência de diversas províncias zoológicas, ou zonas de criação. Os seres seriam criados distintamente em cada uma destas zonas e se adequavam a cada uma delas porque estas seriam seu meio ambiente ideal. Esta lógica explicava porque o clima e demais fatores externos não mudavam os indivíduos, uma vez que eles já foram criados de determinada forma e carregavam características próprias do seu lugar de criação. A raça negra havia sido criada em climas tropicais e nestes locais deveriam permanecer desempenhando tarefas físicas e árduas, inapropriadas para a natureza do homem branco, a quem cabia liderar as raças inferiores (MACHADO, 2005: 35-38).

Não só o continente africano era palco de produção dessa vida considerada decadente e inferior, como também a América Latina. Em 1848, uma matéria no jornal *The American Quartely Register and Magazine*, a América Latina foi descrita como local de produção de raças mistas que carregavam as piores características dos seus ancestrais. A amalgamação praticada no Peru, por exemplo, foi descrita no artigo como causa de uma variedade de tipos mestiços diferenciados pelo nível de mistura, que iam do mulato (pai branco e mãe negra) passando pelo zambo (pai negro e mãe indígena) ou finalmente o branco (pai branco e mãe “quinteira”, que seria a filha de pai branco e mãe quadrarona ou um quarto negra).⁵

O Brasil também despertou o interesse dos poligenistas. Em *Notes on Hybrity*, Samuel Morton descreveu a população brasileira. Uma fonte que o teria informado que os ancestrais desse país, assim como do México, eram indígenas cujo formato do crânio se apresentava de forma cilíndrica, similar aos índios dos Estados Unidos⁶ O editor do importante jornal

⁵ “Inhabitants of the United States”. *The American Quartely Register and Magazine*, maio de 1848. É importante mencionar que na classificação racial apresentada pelo jornal sobre as categorias raciais da América Latina, há uma reveladora noção de gênero acrescentada à análise sobre a dinâmica sexual/racial quando todos os indivíduos brancos são homens (pai branco). Enquanto todas as mulheres mestiças, negras e indígenas produzem descendentes com homens de todos os grupos raciais, as mulheres brancas não aparecem na lista. Podemos sugerir que isso se deve à ideia de que as mulheres consideradas brancas só se envolviam sexualmente com homens brancos. A outra possibilidade é que esse era um filtro (ou censura) do jornal norte-americano numa sociedade completamente avessa a esse tipo de relação.

⁶ Samuel G. Morton. “Notes on Hybridity”, Second Letter to the Editors of the *Charleston Medical Journal*, VI (1851).

5

escravista *DeBow's Review* também divulgou e defendeu o poligenismo ao defender a existência das zonas de criação. Para James De Bow a diversidade climática das áreas zoológicas poderia ser vista e refletida na fauna e na flora originada em cada continente. A América do Norte era considerada pelo autor numa condição de vantagem em relação à América do Sul e outras partes do mundo, exceto a Europa. O Novo Mundo, devido à abundância de águas e grande umidade atmosférica, era uma região propícia para o surgimento de todas as formas luxuriosas, ou seja, exageradas, deformadas e inferiores. Segundo ele, as espécies do Velho Mundo tinham seu equivalente degenerado na América Latina, pois tanto homens como animais do norte eram superiores pelo clima seco e continental produzindo um ser da mais alta perfeição. Assim, o camelo e o dromedário do norte tinha seu equivalente inferior do sul: a lhama dos Andes. O leão real e o tigre feroz originais do norte, tinha no jaguar do Brasil seu paralelo, só que na versão piorada de um “gato grande”. Por fim, James De Bow afirmava que a mesma discrepância que se refletia nos animais do norte e do sul também valia para a vida humana existente em cada região.⁷

A América Latina não escaparia do olhar de Josiah Nott, que citava a região como exemplo toda vez que procurava provar a superioridade da vida gerada na América do Norte. Em *Types of Mankind*, obra publicada em 1854 e dedicada à memória de Morton, falecido em 1851, Nott tendenciosamente afirmava que desde a descoberta da América as raças mais claras haviam habitado a América do Norte, enquanto as raças escuras, como os espanhóis, haviam ocupado a América do Sul, Central e o México. Com tal assertiva, ele reforçava a teoria das zonas zoológicas de Agassiz, afirmando que os fósseis encontrados nestas áreas haviam mantido características originais que ainda poderiam ser vistas na população.⁸

Além do clima propício para a reprodução de espécies animais de qualidade inferior, inclusive o homem, a América Latina tinha um outro elemento que propiciava a proliferação da inferioridade: a mistura racial praticada desmesuradamente pela população (WALTER, 1973:177-201). Em 1853, John Van Evrie, um médico pró-escravista de Nova Iorque, defendia que o negro era tão inferior ao branco que, caso estes não mantivessem aqueles na

⁷ James D. B. De Bow, *Art. VI – The Earth and Man*. *Debow's Review of the Southern and Western States*. Devotes to Commerce, Agriculture, Manufactures, março de 1851, pp. 282.

⁸ Josiah C. Nott, “Geographical Distribution of Animals and the Race of Man”. In: Josiah C. Nott and George Gliddon. *Types of Mankind: or Ethnological Researches based upon the Ancient Monuments, Paintings, Sculptures and Crania of Races and Upon their Natural, Geographical, Philological and Biblical History*. Philadelphia: Lippincott, Grambo & Co. Sétima Edição, 1855. pp.70-73. A primeira edição dessa obra é de 1854.

6

condição de servos, teriam como futuro o extermínio da sua raça nos Estados Unidos (FREDRICKSON, 1971: 62-63). Ele publicou suas impressões sustentadas no racismo científico da época no panfleto *Negroes and Negro Slavery: The First, an Inferior Race, the Later, its Normal Condition (Negros e escravidão negra: O primeiro, uma raça inferior, a segunda: sua condição natural)*.⁹

Van Evrie acreditava que a amalgamação havia destruído a superioridade dos espanhóis nas colônias, o que era evidente pelas faces mestiças da maioria da população, que de tão escuras davam a impressão que o espanhol nunca havia estado ali. Nos Estados Unidos, a ruína da amalgamação teria sido evitada pelos Anglo-americanos que colonizaram o Norte, fruto da suposta repulsa natural a se misturar com raças inferiores.¹⁰ O exemplo da América Latina era uma advertência. Caso nos Estados Unidos os negros se tornassem livres e vivessem em condições de igualdade com a população branca, nesse país aconteceria o mesmo que havia ocorrido com seus vizinhos dos países do sul: o branco de sangue puro deixaria de existir. O crescimento da população negra e o “perigo” da mistura racial aterrorizava a população branca tanto do Norte quanto do Sul dos Estados Unidos e esse temor se estenderia ainda por várias décadas.

Em 1859 o jornal abolicionista *The National Era*, publicou um artigo originalmente anunciado no jornal *The New York Evening Post*, cujo título *The increase of Negroes (O Crescimento dos Negros)* já manifestava estas preocupações quanto ao crescimento do número de afro-americanos no país. O autor do texto, que se identificava como o pseudônimo de “Caucasian” (caucasiano), apresentava questionamentos sobre qual seria a política para o futuro dos Estados Unidos, uma vez que até aquele momento as raças distintas se amalgamavam de tal maneira que caminhavam para se tornarem uma só. O autor se mostrava alarmado com os números de um censo de 1850, o qual revelou a existência de um afro-descendente para cada seis brancos. Embora o número de negros mestiços não fosse especificado, o autor assegurava que entre estes quatro milhões de “coloreds”, pelo menos um terço era composto por “mixed mulattoes, quadroons” (mulatos mestiços e quadrarões) e outros tipos de misturas derivadas, traçando uma perspectiva futura de crescimento desta mistura racial de forma que toda a população se tornaria mestiça em 400 anos (TENZER,

⁹ John H. Van Evrie. *Negroes and Negro Slavery: The First, an Inferior Race, the Later, its Normal Condition*. John D. Toy Printer, Baltimore, 1853. pp. 12

¹⁰ Van Evrie, *Negroes and Negro Slavery... op. cit.*, pp. 18-19.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

7

1997: 12-14). “Caucasian” alertava que esse fato não deveria ser ignorado por aqueles que amavam a raça branca e o país. Além disso, indagava *Caucasian*, será que os americanos deveriam sofrer se tornando uma raça de “coloreds”, estigmatizados pelos europeus? Visualizando uma nação futura de “quadrarões escuros”(dark quadroon), ele se posicionava contra a tentativa dos estados do Sul de reavivar o tráfico de africanos, colocando o país sob o risco de se tornar uma República mulata.¹¹

¹¹ “The Increase of Negroes”, *The National Era*. 20 de outubro de 1859.

Abolicionistas negros, a descoberta de Tiedemann e a negação das diferenças raciais.

O monogenismo, que considerava todas as espécies humanas advindas de uma única criação divina, já mostrava-se comprometido com a manutenção do cativeiro e das políticas de subordinação racial. O advento de uma nova teoria da criação do homem baseada no poligenismo implicava num duro golpe para a comunidade negra liberta e abolicionista nos Estados Unidos. O monogenismo, em consonância com a ideia de criação única, poderia servir na argumentação de abolicionistas de que a escravidão colocava os negros, filhos da mesma criação que gerou os brancos, em uma condição de degradação que era fruto do pecado dos seus pares caucasianos. Para os escravistas que seguiam a bíblia, as mesmas escrituras sagradas também justificavam a escravidão, mas com o poligenismo afirmando que africanos e europeus eram resultado de criações distintas não havia espaço para acusar o escravista de ferir os princípios cristãos, isentando ele da culpa de cometer o “pecado” de escravizar seu semelhante. Uma vez que nem toda homem seria a criação, imagem e semelhança de Deus, as teorias poligenistas proporcionavam uma defesa da escravidão e de tutela racial muito mais condizente com os projetos de boa parte das elites americanas. Elas se dispunham a enfrentar acusações de heresia, mas em contrapartida o discurso científico imbuía seus seguidores de autoridade para seguir, defender e divulgar o poligenismo (DIALLO, 2006: 173-179).

Os membros do movimento abolicionista negro, principalmente as mulheres, não estavam investidos de autoridade científica porque não carregavam os elementos que conferiam a alguém o status de cientista. Embora fossem também intelectuais, estes abolicionistas negros estavam fora do debate científico enquanto interlocutores dos cientistas monogenistas e poligenistas. Uma breve amostra de como esse círculo de debate científico percebia (ou ignorava) os intelectuais negros pode ser vista na fala de John Campbell, ferrenho defensor da escravidão e da supremacia branca. Em palestra publicada com o título de “*Negromania*”, maneira como Caldwell chamava a defesa da igualdade de negros e brancos por parte de grupos abolicionistas radicais, ele desafiava seus adversários pedindo-lhes que apresentassem os Homeros, Virgílios e Shakespeares de “cabeça encarapinhada”. Os César, Alexandres, Washingtons e Napoleões de “cabeça encarapinhada” que usassem princípios de ciência militar e liberdade, necessários para a vitória ou morte num confronto de

9

grandes proporções. Segundo ele, também não existiam Jeffersons de “cabeça encarapinhada” que houvessem criado um código legal que guiaria os destinos de uma nação. Por fim, Campbell dava sua palavra final no sentido de afirmar a suposta inferioridade intelectual dos africanos e seus descendentes dizendo que as raças de “cabeça encarapinhada” nunca produziram ao menos um homem famoso que fosse um legista, estadista, poeta, pastor, historiador, orador, anatomista, físico, marinheiro, soldado, naturalista, médico ou filósofo (DIALLO, 2006: 149-62).¹²

No ano de publicação da sua obra, Campbell certamente tinha conhecimento do movimento abolicionista negro e de figuras proeminentes na comunidade afro-americana como Frederick Douglass (orador, editor de jornal, historiador e autodidata) ou do amplamente citado (e temido pelas elites atlânticas) Toussaint Louverture, conhecido pelas suas habilidades militares. Havia muitos outros exemplos de homens e mulheres negras que refutavam o pensamento de Campbell, mas não reconhecer as habilidades intelectuais destes afro-descendentes fazia parte da prática de ignorar, desqualificar e invisibilizar este grupo para afirmar sua inferioridade. Mesmo assim, militantes negros lutaram para participar do debate usando das mais diversas estratégias e criando seus próprios espaços de discussão e de divulgação das suas opiniões sobre seu lugar no discurso científico, na humanidade e na sociedade norte-americana. Através destes espaços, quais fossem igrejas, jornais, grupos literários e debates públicos, estes homens e mulheres desenvolveram suas próprias versões sobre estes fatos, mesmo que só encontrassem interessados dentro de sua própria comunidade (DIALLO, 2006: 135-38).

Uma das estratégias para responder aos argumentos científicos que afirmavam a inferioridade de africanos e seus descendentes na diáspora foi utilizar a própria ciência. Embora não participassem dos círculos intelectuais dominados por homens brancos, homens e mulheres negras abolicionistas reconheciam a ciência como aspecto importante para o entendimento da história humana, mesmo quando discordavam dela. Por essa razão as apropriações e releituras das teses científicas eram tão importantes, numa dinâmica que, enquanto credibilizava a ciência, também a negava e questionava algumas de suas teorias.

¹² Equality of the Races – Negromania. *DeBow's Review of Southern and Western States...*Dezembro de 1851, pp. 630. John Campbell. *Negro-Mania: Being an Examination of the Falsely Assumed Equality of the Various Races of Men, demonstrated by the Investigation of Champolion, Wilikinson, Rosselini, Van Amringe, Gliddon, Young etc.* Philadelphia: Campbell and Power, 1851.

10

Reconhecendo que não eram ouvidos (pelo menos publicamente) pelos defensores da supremacia branca, os abolicionistas negros estavam atentos ao estudar exemplos de cientistas que não compartilhavam com a ideia de inferioridade dos africanos. Foi assim que, na década de 1840, a figura solitária do cientista alemão Friedrich Tiedemann foi apropriada e amplamente citada por grupos do movimento abolicionista que defendiam a igualdade racial nos Estados Unidos. Trata-se do único cientista de que se tem conhecimento que negava a inferioridade dos negros e a supremacia branca a partir de pesquisas com bases científicas.

Friedrich Tiedemann era alemão e serviu como cirurgião ginecologista nas guerras napoleônicas, quando passou a estudar crânios de fetos humanos. Depois de se tornar professor de anatomia, fisiologia e anatomia em Heidelberg em 1826, continuou seus estudos neurológicos, incluindo a análise dos crânios de golfinhos. A partir da observação destes animais, Tiedemann concluiu que crânios pequenos poderiam carregar sistemas neurológicos complexos, demonstrando que capacidades intelectuais estavam desassociadas do tamanho deste órgão, contrariando a afirmação de Samuel Morton em 1839, em *Crânia Americana*. Tiedemann concluiu que fatores como gênero, peso e altura eram variáveis que interferiam no resultado final das medidas de crânio, fatores que também foram ignorados por Morton (LINDQVIST, 1997:45-47). Dando seguimento aos seus interesses acadêmicos sobre a relação entre tamanho de crânios e capacidades intelectuais, ele passou a fazer tais análises em cérebros humanos chegando a conclusões consideradas revolucionárias para a ciência da época (GOULD, 1999).

Tiedemann comparou os crânios dos ditos caucasianos, africanos e orangotangos usando uma metodologia muito parecida com aquela empregada por Morton, mas levou em consideração variáveis como altura, peso e sexo. O cientista chegou a reveladoras conclusões: “A mente do negro é tão grande quanto a do europeu, e outras raças humanas”. Negando qualquer outra diferença que pudesse indicar a superioridade intelectual dos povos europeus ou a proximidade dos povos africanos com animais, Tiedemann foi mais além: “...o interior da mente do negro não mostra qualquer diferença com a mente do europeu”. Por fim, como palavra final de defesa da igualdade racial sob uma perspectiva científica, ele ainda afirmou: “A mente do negro não se assemelha à do orangotango mais do que a mente do europeu...nós não podemos portanto concordar com a opinião de muitos naturalistas que dizem que os negros se parecem mais com os primatas do que com os europeus em relação à mente ou ao

11

sistema nervoso.” Diante de tais conclusões, Tiedemann dizia acreditar nas capacidades intelectuais da “raça etíope” e atribuía ao tráfico de escravos a causa do suposto “retardamento” das civilizações africanas.¹³

O artigo revelador de Tiedemann – *On the Brain of the Negro* – foi publicado pela primeira vez em Londres em 1836, mas em 1840 o artigo circulou nos jornais abolicionistas norte-americanos após militantes negros e brancos perceberem que aquele estudo era uma importante ferramenta de contestação às teorias racialistas já tão popularizadas nos Estados Unidos. As teses de Tiedemann foram muito bem vindas pelo movimento abolicionista e seu artigo foi massivamente divulgado nos anos seguintes, aparecendo na edição de abril de 1840 do jornal *The Liberator*¹⁴ e em agosto do mesmo ano no jornal da imprensa negra *The Colored American*¹⁵, sob o título de “Intellectual Faculties of the Negro.” Mesmo anos mais tarde, em 1852, o periódico *Frederick Douglass’ Paper*¹⁶ citou os estudos daquele cientista, considerado um solitário defensor da igualdade humana. Insistindo em argumentos centrais do pensamento abolicionista radical, estes militantes se apropriavam de duas teses de Tiedemann que seriam fundamentais na luta anti-escravista e pró-igualdade racial: primeiro, estava provado cientificamente que as mentes humanas de negros e brancos tinham as mesmas capacidades intelectuais. Segundo, as diferenças que porventura existissem nas habilidades intelectuais destes dois grupos eram resultado da escravidão e do tráfico, e não da natureza.

Mas não foi somente através de Tiedemann que os abolicionistas negros questionaram as teses de inferioridade racial. Na maioria das vezes, estes homens e mulheres usavam sua própria voz para servirem de protagonistas da causa da igualdade racial, ainda que não fossem reconhecidos pelos cientistas. É importante lembrar que o discurso abolicionista também desejava garantir que a própria comunidade afro-americana acreditasse nas suas capacidades intelectuais e no seu pertencimento à espécie humana. Em agosto de 1852, o *Frederick Douglass’ Paper* publicou uma carta do abolicionista negro William G. Allen para seu companheiro de militância, o também abolicionista negro Frederick Douglass. Na carta, Allen explicava sua perspectiva sobre como ele conceituava “raças” e o que seriam as “raças mistas,

¹³ Friedrich Tiedemann. *On the Brain of the Negro, compared with that of the European and the Ourang-Outang. Foreign Quarterly Review*, n. 47, outubro de 1839. pp.39

¹⁴ Intellectual Faculties of the Negro. *The Liberator*, 10 de abril de 1840. O editor do jornal *The Liberator* era o abolicionista branco William Lloyd Garrison, e seu jornal tinha grande circulação entre a comunidade afro-americana, que compunha $\frac{3}{4}$ dos seus assinantes.

¹⁵ Intellectual Faculties of the Negro, *The Colored American*, 22 de agosto de 1840.

¹⁶ The Brain of the Negro. *Frederick Douglass’ Paper*, 19 de novembro de 1852.

12

afirmando que não existia mistura de “raças” porque existia somente uma raça, a humana, e um único sangue compartilhado por todas as nações criadas na terra. Allen, um militante humanitarista, acreditava veementemente que “não fazia sentido falar em raça africana, céltica, mongol ou saxônica, ou qualquer outra raça que não fosse a raça humana.”¹⁷

Em outro artigo publicado no mesmo jornal, Allen também se utilizava de conceitos defendidos pela ciência racista para defender os benefícios da diversidade, da mistura racial e do papel de povos diferentes como formadores da nação americana. Neste artigo, diferente daquele anteriormente citado, Allen utiliza e incorpora o conceito de raça ao seu discurso. Incorporando ideias da África e dos povos africanos como superiores em aspectos lúdicos e culturais, Allen afirmava a superioridade do povo deste continente em relação a outras “raças” em aspectos como a música, benevolência e aquilo que ele chamava de tendências religiosas. Para o abolicionista, tais qualidades não eram por si só suficientes para se criar uma nação. Ele afirmava que “a raça anglo-saxã era superior a outras raças no intelecto voltado ao cálculo e na força física”, mas também entendia que uma nação não se construía somente com estes atributos. Allen defendia assim que “...as nações, dignas deste nome, eram somente produzidas pela fusão das raças”.¹⁸ Defendendo que a “grandeza da nação americana” era tributária da diversidade, Allen usou a mistura racial, duramente condenada pelos poligenistas, como metáfora para a defesa de uma sociedade em que negros e brancos convivam em condições iguais, contribuindo com aquilo que cada um, de acordo com a habilidade da sua raça, pudesse contribuir. Para isso, Allen também reconhecia a “superioridade anglo-saxã” em aspectos intelectuais e força física (violência, domínio, conquista), incorporando um discurso que masculinizava a raça européia enquanto atribuía às raças africanas características consideradas femininas, quais sejam a religiosidade, as habilidades musicais e generosidade.

Já que o mesmo argumento das diferenças raciais e natureza de cada raça era geralmente mobilizado para defender a diferença associadas à inferioridade das raças africanas, como podemos entender o fato de Allen apropriar e ressignificar estas teses para defender a possibilidade de bom convívio entre negros e brancos nos Estados Unidos? Algumas vezes, ao invés de repudiar as teorias baseadas na hostilidade racial, os

¹⁷ Letter from William G. Allen. *Frederick Douglass Paper*. 13 de agosto de 1852.

¹⁸ Letter from William G. Allen. *Frederick Douglass Paper*, 10 de junho de 1852.

13

abolicionistas optavam por fazer uma “apropriação tática” com o objetivo de persuadir seus adversários com ideias que eram bem aceitas pela opinião pública da época, embora também afirmassem a superioridade branca. É possível que os abolicionistas negros, em alguns momentos, tivessem optado por um discurso conciliatório a partir de convenções já aceitas pela sociedade com a esperança de convencê-la das possíveis qualidades das raças africanas quando não encontravam limitações à sua ascensão social. Embora fosse difícil acreditar que incorporando as teses racialistas fosse possível mudar a forma como a sociedade branca via a população negra, é também provável que os abolicionistas reconhecessem sua condição de desvantagem diante da força das teorias hegemônicas e da credibilidade daqueles que eram reconhecidos publicamente como cientistas. Mesmo assim, constatamos que a maior parte dos discursos dos abolicionistas radicais sobre a ciência era de negação, já que na maioria das vezes as teses eram incompatíveis com a defesa da igualdade (RAEL, 2006: 183-199).¹⁹

Para contestar as teses poligenistas, os abolicionistas negros faziam dos escritos do antigo testamento para revelar a origem dos povos negros e sua participação na antiguidade. Foi esta a estratégia utilizada pelo ex-escravo Samuel Ringgold Ward, que conquistou sua liberdade através da fuga e mais tarde se tornou um importante membro do movimento abolicionista negro, responsável por divulgar o discurso anti-escravista e pró-igualdade nos Estados Unidos e em países como Canadá e Inglaterra. Ward, reconhecido pelo sua oratória, teve um dos seus discursos publicados no *Frederick Douglass Paper* em 1854, após um ciclo de palestras que proferiu na Inglaterra naquele ano. Inspirado pelo fato de estar diante de uma platéia certamente composta por negros, mas também por brancos e, assim acreditava, longe do preconceito racial que marcava a relação entre negros e brancos no seu país, Samuel Ward começou seu discurso contradizendo a versão poligenista da criação:

“Eu peço licença para lhes contar uma breve história da origem da raça negra. A razão para isso é que, sendo o assunto a raça humana, a origem de outras raças é a [história]sua própria origem. Nós descendemos de Noé, e Noé de Adão e Adão de Deus, assim como todos os homens. É difícil de supor se eu deveria parar de discutir se o negro pertence à família humana ou não ou se eles são essencialmente inferiores.”²⁰

¹⁹ Patrick Rael nesse artigo defende que a estratégia utilizada pelos abolicionistas negros, de usar ideias baseadas no poligenismo para defender a igualdade social, foi a causa da falha deste movimento em refutar tais teses. Para o autor, o uso e apropriação destas ideias mostrou-se uma forma ineficaz de combater o racismo científico que, em alguma medida, parece ter sido introjetado por estes abolicionistas.

²⁰ Samuel R. Ward. “Origin, History and Hopes of the Negro Race”. *Frederick Douglass Paper*, 27 de janeiro de 1854. Discurso proferido na Cheltenham Literary and Philosophical Institution.

Samuel Ward concluiu refutando a tese que mais incomodava os abolicionistas negros: era a crença de que eles eram incapazes de elevação, de aprendizagem e de ascensão social porque tinham habilidades intelectuais limitadas, inferiores às dos caucasianos. Assim, a auto-afirmação e os exemplos de intelectuais negros eram de grande importância para provar as capacidades desse grupo. Na retórica abolicionista, era importante enfatizar exemplos de outras sociedades que supostamente não nutriam preconceito racial e que, por isso, permitiam que as populações negras ascendessem socialmente (RAEL,2006: 189-190). Como exemplos americanos de sucesso, ele citou William G. Allen, Frederick Douglass, William H. Day e Mary Ann Shadd Cary, a qual migrou para o Canadá onde fundou com outros membros da comunidade afro-americana o jornal abolicionista *Provincial Freeman*. Ainda para afirmar a humanidade e capacidades da chamada raça africana, Ward citou o General Dumas, homem negro membro do exército de Napoleão e pai do romancista francês Alexandre Dumas que afirmava ser filho de um mulato e neto de um negro. Diante disso, perguntava o abolicionista, enquanto provocava o poligenismo: “o que seria seu pai, um macaco?”

Samuel Ward falava com indignação da ausência de estadistas negros no governo dos Estados Unidos: “Não é estranho ver que existem 31 estados com homens negros e somente em cinco deles eles podem votar em termos de igualdade, e em um outro, para que ele possa votar, deve possuir o valor de 250 dólares em propriedade?” Introduzindo a ideia que em outros países a comunidade negra liberta tinha mais direitos, inclusive de voto, ele afirmava que “em qualquer outro país, exceto nos Estados Unidos, os negros que são livres são tratados com respeito.” A condição dos libertos na Jamaica, Caribe, Suriname e Brasil são descritas como melhores que aquelas vividas pelos afro-americanos. Quanto a esse último país, ele afirmava “olhe para os estadistas negros do Brasil, [lá] existem clérigos e advogados negros nos mais elevados caminhos da vida”.²¹

O abolicionista terminaria seu discurso fazendo uma associação entre povos negros da antiguidade, mestres de Moisés e de outros filhos da civilização ocidental, e seus descendentes negros que viviam no mundo moderno e que, a despeito da escravidão e da negação de sua humanidade, insistiam em provar e defender seu intelecto e respeitabilidade:

²¹ Samuel R. Ward. “Origin, History and Hopes of the Negro Race”. *Frederick Douglass Paper*, 27 de janeiro de 1854.

15

“Eu deixo para a audiência dizer se o negro moderno, oprimido e degradado, pisado e insultado, sustenta a honra da sua família da antiguidade”. Com esta frase final, Samuel Ward, colocava a si próprio como exemplo deste negro moderno, descendente de homens e mulheres negras da antiguidade que contribuíram com a formação da intelectualidade e da ciência do mundo ocidental.²²

Conclusão

Os abolicionistas negros norte-americanos, ao mesmo tempo em que reconheciam a importância da ciência, estavam cientes de que as recentes teses poligenistas estavam comprometidas com interesses escravistas e com a defesa da manutenção de relações paternalistas, de tutela e de políticas de desigualdade racial.

Por isso, as lideranças negras promoviam uma intensa campanha entre a classe média dos libertos sobre a importância e a responsabilidade que cada um tinha em mostrar para a sociedade que eram modelos de cidadãos americanos. A partir de exemplos positivos, procuravam pôr fim ao preconceito racial que acreditavam ter sua origem nos exemplos degradantes extraídos da vida de negros escravizados. Através da ideia do “negro exemplar” tentavam provar que eram aptos para a cidadania, para o autogoverno e para gozarem de direitos concedidos a qualquer cidadão americano. Acreditando que o preconceito era gerado pela escravidão e não pelas diferenças raciais, os abolicionistas negros receberam as teses racialistas, sobretudo o poligenismo, com bastante indignação e revolta. Além do mais, tratava-se de refutar um inimigo poderoso: a ciência (FREDRICKSON, 1971: 39-41).²³

As imagens positivas de negros de outros países da diáspora, como o Brasil, eram vastamente mobilizadas. A experiência dos afro-brasileiros, real ou idealizada, servia para provar as potencialidades da raça negra, estendidas também aos considerados mulatos, que demonstravam a capacidades de ascensão dos libertos quando não encontravam impedimentos legais e hostilidades motivadas pelo preconceito racial. Assim, também tentavam contradizer as teses racialistas que afirmavam a inferioridade, incapacidades e limitações naturais dos

²² Samuel R. Ward. “Origin, History and Hopes of the Negro Race”. *Frederick Douglass Paper*, 27 de janeiro de 1854.

²³ FREDRICKSON afirma que os abolicionistas negros, ao acreditarem na força dos “negros modelo” como estratégia de convencer a sociedade das potencialidade e humanidade dos libertos, subestimaram a força do racismo da sociedade norte-americana.

16

negros em relação aos brancos. Embora o Brasil ainda fosse um país escravista, a cidadania concedida aos libertos prevista na Constituição do Império, assim como as descrições positivas dos viajantes sobre o lugar privilegiado dos libertos em qualquer setor da sociedade, eram argumentos no embate político entre cientistas poligenistas e abolicionistas negros ávidos por citar exemplos que provassem sua humanidade e capacidade de elevação social.

BIBLIOGRAFIA

DIALLO, Alexandra CORNELLIUS. *"More Approximate to the Animal": Africana Resistance and the Scientific War Against Black Humanity in Mid-nineteenth Century America*. Tese de doutorado. Washington University in St. Louis, 2006.

DEWBURY, Adam. The American School and Scientific Racism in Early American Anthropology. in: *Histories of Anthropology Annual*, vol. 3, 2007. pp. 138-139.

FREDRICKSON, George M. *The Black Image in the White Mind: The Debate on Afro-American Character and Destiny, 1817-1914*. New York: Harper and Row Publishers, 1971.

GOULD, Stephen Jay. The Great Physiologist of Heidelberg: Friedrich Tiedemann, brief article. *Natural History*, July, 1999. Disponível online: http://laboratoriogene.info/Ciencia_Hoje/Physiologist_Heidelberg.pdf (acesso 11/06/2013).

LINDQVIST, Sven. *The Skull Measurer's Mistake: and Other Portraits of Men and Women Who Spoke Out Against Racism*. New York: The New Press, 1997.

MACHADO, Maria Helena P. T. *Brasil a Vapor: Raça, Ciência e Viagem no Século XIX*. Tese de livre Docência apresentada ao Departamento de História da Universidade de São Paulo-USP. São Paulo, 2005.

_____. Os Rastros de Agassiz nas Raças do Brasil: A formação da Coleção Fotográfica Brasileira. In: MACHADO, Maria Helena P. T. e HUBER, Sasha. *Rastros e Raças de Louis Agassiz: Fotografia, Corpo e Ciência Ontem e Hoje*. São Paulo: Capacete, 2010. pp. 30-40.

_____. *Race and Visual Representation: Louis Agassiz and Hermann Burmeister*. Paper presented at the Seminar "Race and Citizenship in the Americas, Now and Then". New Jersey: Princeton University, fevereiro 22 a 23 de 2013.

WALTER, Ronald G. The Erotic South: Civilization and Sexuality in the American Abolitionism. In: *American Quarterly*, vol. 25, n. 02, may 1973.

TENZER, Lawrence R. *The Forgotten Cause of the Civil War. A new Look at the Slavery Issue*. New Jersey: Scholar's Publishing House, 1997.

RAEL, Patrick. A Common Nature, A United Destiny: African American Responses to Racial Science from Revolution to Civil War. In: McCARTHY, Timothy Patrick and STAUFFER, John. *Prophets of Protest: Reconsidering the History of American Abolitionism*. New York, London: The New Press, 2006. pp. 183-199.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

17

STANTON, William. *The Leopard's Spots. Scientific Attitudes Toward Race in America 1815-1859*. Chicago: University of Chicago press, 1960.